



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

Senhor Governador de Santa Catarina, Paulo Afonso Vieira; Senhor Ministro de Minas e Energia, Dr. Raimundo Brito; Senhores Senadores; Senhores Deputados; Senhor Presidente da Assembléia Legislativa do Estado; Senhores Deputados estaduais; Senhor Prefeito de Capivari de Baixo, Luiz Carlos Alves; Senhores Prefeitos, que aqui estão; Senhor Presidente da Eletrobrás, Firmino Ferreira Sampaio Neto; Senhor Presidente da Eletrosul, Cláudio Ávila da Silva; Senhoras e Senhores; Empregados, Técnicos e Trabalhadores desta Usina Jorge Lacerda,

Cabe muito pouco ao Presidente da República dizer. Mais do que as palavras, o gesto simbólico de comprimir esse botão e de assistir, de forma emocionada e emocionante, ao início do funcionamento dessa Usina fala por todos nós.

Já os que me antecederam mostraram o que está acontecendo aqui, neste Estado de Santa Catarina. E me orgulha, como brasileiro, dizer-lhes que percorro o nosso país e o que nós estamos vendo hoje, aqui, eu tenho visto em vários estados da Federação, do Rio Grande do Sul ao

Amazonas, do Nordeste ao extremo do Centro-Oeste e Rondônia. Por toda a parte, nota-se um espírito novo.

Eu tenho, já, suficientes anos de idade e experiência de vida para não confundir a obra de um povo com a ação de um governante. Devo a vocês, brasileiros, brasileiros homens e mulheres, este momento, que é um grande momento do Brasil. Devo a vocês poder estar presidindo a República e, simplesmente, dar continuidade a um sentimento que vem das raízes do nosso país.

Nós acreditamos em nós próprios. E o nome dessa transformação não pode ser esquecido: ele se chama democracia. Porque, se não houvesse a democracia, não haveria a limpeza das coisas públicas; não haveria a exigência do trabalho; não haveria a correção na aplicação dos recursos públicos; e não haveria a possibilidade de, em dois anos, ter-se feito tanto como os brasileiros fizeram.

Sou eu que sou grato, por estar na Presidência da República neste momento novo da vida brasileira. E é verdade o que aqui foi dito pelos que me antecederam, pelo Ministro, pelo Presidente da Eletrosul, pelo Governador, é tudo certo. Nós estamos cumprindo, à risca, aquilo que foi aprovado pelo povo, em praça pública.

Freqüentemente, quando estou em inaugurações como esta, ou em início de obras, a nossa imprensa pergunta: “Por que isso?” A resposta é simples: porque eu tenho que cumprir o meu dever de brasileiro e estar presente nos momentos em que aquilo que foi aprovado numa campanha anterior se concretiza num governo que é sério.

É com esse espírito que estou aqui. Disse o Governador, e disse-o bem, eu conheço bastante Santa Catarina, estudei em Santa Catarina. O primeiro trabalho que escrevi em minha vida, o primeiro livro publicado, foi pela Ilha de Santa Catarina. E sei que, aqui, algumas obras de estruturação são fundamentais.

Hoje, mencionou o Governador a BR-101 e a 470. Eu me recordo dessa BR quando não havia asfalto, Governador; quando, para chegar aqui, vindo de São Paulo, nós tínhamos que atolar em Apiaí, no Vale da Ribeira. E quantos dias se ficava parado, para ver se era possível transpor as pequenas serras que ligam São Paulo ao Paraná!

Isso não faz tanto tempo assim, quarenta anos, talvez. Mas a verdade é que de lá para cá as coisas mudaram muito. E, quanto mais mudam, mais mudança é necessária. E aquilo que parecia ser formidável, que foi o asfaltamento da BR, hoje foi a passarela para se transformar na “estrada da morte”. E, como foi dito aqui, a segunda pista dará a chance de ela voltar, outra vez, a ser uma “estrada da vida”. Nós vamos fazer essa segunda pista. Já estamos fazendo e vamos concluí-la, porque Santa Catarina precisa.

E não é só na BR-101. O trecho de São Paulo, da BR-116, também estará sendo duplicado. E já a Fernão Dias, que liga São Paulo a Belo Horizonte, está sendo duplicada. E a Via Dutra, hoje, é concessão de serviço público, e está sendo melhorada. E essa enorme artéria, que vai ligar o Brasil ao Mercosul, dentro de poucos meses será uma artéria confortável e segura, não só para o transporte das mercadorias, como também para o que é mais essencial, o transporte das pessoas e das vidas.

Da mesma maneira, o entusiasmo do Ministro Brito, do Governador e do Presidente da Eletrosul, ao prestarem contas a vocês, de que nós estamos multiplicando, por seis, a capacidade de geração de Santa Catarina. É outra maneira de nós resgatarmos a dívida que nós temos para com este estado. E a dívida é grande.

A dívida é grande, e ela pode ser vista aqui ao lado, mesmo, pela depredação ecológica; pelo que foi feito de desrespeito ao meio ambiente; pelos milhares de trabalhadores do carvão, que são vítimas de moléstias, hoje, incuráveis; pela falta de assistência médica e até pela falta de emprego.

E tudo isso se deveu à precipitação de um dia, 19 de setembro de 1991, quando, de repente, se modificaram as regras do jogo e quando, de repente, o estado viu a seiva que lhe dava vida ser cortada por uma medida tomada em Brasília. Não que não devesse ser tomada, mas teria que ser tomada com os cuidados necessários.

E cabe a nós, agora, recuperar o tempo perdido e tratar de dar a essa gente catarinense, sobretudo no sul do estado, os recursos para que ela se capacite de novo, para que tenha, de novo, emprego, e para que os

que vão explorar carvão explorem com técnicas mais modernas e sejam capazes, com uma nova tecnologia, de produzir com mais baixo custo, para que nós possamos, efetivamente, utilizar mais o carvão de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul.

Aqui, portanto, ao inaugurar essa obra, nós colocamos um novo desafio ao Governo da República e ao Governo do Estado: é a continuidade dela, na reparação dos males causados pelo desastre que foi a economia do carvão nas últimas décadas.

É assim que se governa. Não é, simplesmente, cantando vitória de uma obra já feita. É, mal terminando uma, divisar a próxima. E, sobretudo, não perder de vista nunca que o carvão que aqui se consome, que a energia que aqui se gera, que as máquinas que aqui estão só têm sentido se servirem à pessoa humana, só têm sentido se, depois disso, melhorarem a condição de vida do povo, se todos estiverem, efetivamente, progredindo.

E é para isso que nós precisamos de energia, é para isso que nós precisamos de estrada, é para isso que nós precisamos, muito mais ainda, de escolas e de hospitais.

Não quero me alongar, Senhoras e Senhores aqui presentes. Quero apenas recordar que, há poucos dias, o Senador Darcy Ribeiro usou uma expressão que me parece paradigmática, ao se referir ao outro elemento fundamental do que nós estamos colhendo hoje. O primeiro – disse eu – é a democracia, mas o segundo foi a estabilização da moeda.

Eu me recordo de que era Ministro da Fazenda, e o Governador Kleinubing, que é antecessor do Governador Paulo Afonso, vinha falar de Jorge Lacerda e, seguramente, os anteriores também. E nós não tínhamos como dizer nem “sim” nem “não”. Vivia-se um momento em que tudo era imprevisível, porque os orçamentos eram de mentira, porque a inflação solapava a capacidade de prever e a possibilidade de se cumprir a palavra dada.

E disse o Senador Darcy Ribeiro que a moeda – moeda forte, o real – é como a língua, que é a expressão da identidade nacional. País que não tem moeda estável não tem capacidade de ter identidade nacional forte, porque não é capaz de prever o seu futuro.

Hoje, nós temos uma moeda estável. Nós temos, por isso, a capacidade de prever o nosso futuro. E o governante, lá, em Brasília, ao receber a demanda do prefeito, ou do governador, não precisa mais dizer: “Mais ou menos, não sei se posso ou não posso.” Terá que dizer: “Tenho ou não tenho recursos.” Porque os recursos não vão variar de um momento para o outro.

E, quando se contratar uma obra, saber-se-á qual vai ser o preço dela. E a corrupção, só por isso, já fica muito mais difícil, se não for impossível. E o trabalhador, ou empregado, quando for contratado para o seu trabalho, saberá que a moeda que ele vai receber vai valer para que, no fim do mês, possa comprar aquilo que planejou, e não como no passado em que, na metade do mês, ele tinha que receber um vale e o próprio vale não valia nada.

Esse é o novo Brasil, da democracia e da moeda estável; da participação da sociedade na definição dos rumos; da convergência de pessoas, de partidos e de idéias diferentes, mas que se unem no momento em que fala mais forte o interesse nacional ou o interesse popular.

É esse Brasil da democracia que vejo aqui, em Santa Catarina. É com muito agrado, mas muito mesmo, que vejo, neste palanque, tantos parlamentares, tantos prefeitos, tanta gente, o Governador, os Ministros, todos, hoje, unidos num só pensamento: pelo povo de Santa Catarina e pelo povo do Brasil.

Muito obrigado.